

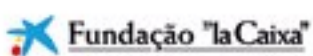
P BOLETIM Público na escola

O regresso.



Gabriela Pedro

Com o apoio de:



EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO



Direitos de Autor Protegidos



Opinião de **David Pontes**

DIRETOR DO PÚBLICO

De regresso ao essencial

As vezes há um estudo, um número, que nos mostra que por baixo do que encaramos como normal, ou consensual, existe uma corrente subterrânea que corre no sentido contrário às ideias feitas. Um artigo do *New York Times*, de setembro passado, teve esse efeito na forma como olhamos a relação dos mais jovens com as redes sociais.

O artigo intitulado “Geração Z tem arrependimentos” começava por lembrar que, em 2020, cerca de metade da humanidade usava uma qualquer rede social e que, por estes dias, não haverá um jovem norte-

-americano que não utilize redes e que a média de tempo por eles despendido nestas plataformas ronda as cinco horas diárias.

Como recordava o mesmo artigo, existem produtos, como os cigarros, cujos utilizadores, por muito que usufruam do prazer de os utilizar, não conseguem deixar de pensar que talvez fosse melhor eles nunca terem sido inventados. O estudo revelado neste artigo - com uma amostra representativa de 1006 adultos da Geração Z (entre os 18 e os 27 anos) - afirmava que 37% consideravam que as redes tinham um impacto negativo nas suas vidas e cerca

de metade desejava que plataformas como o X ou o TikTok nem sequer tivessem sido inventadas.

Será que as redes, depois do mundo novo que inventaram e do outro tanto que perturbaram, podem estar a atingir o seu clímax de utilização, que o cansaço provocado pelo seu uso excessivo fará muitos voltar-se para outros tempos de comunicação mais presente, mais cara a cara, mais real?

O tempo não volta para trás e, de uma forma ou de outra, as redes vão continuar a fazer parte das nossas vidas e da nossa vida em sociedade, mas o simples facto de quem não conheceu um mundo sem elas estar a começar a revelar sinais de cansaço mostra que o seu reino pode não ser absoluto.

E porque vem esta conversa toda no regresso do Boletim do PÚBLICO na Escola, poderão perguntar vocês? Porque não nos restam hoje dúvidas de que, com tudo de bom que nos trouxe o mundo digital, e de que as redes são parte crucial, vieram também desafios existenciais para a nossa sociedade. Nas redes, claramente,

pela forma como servem para disseminar desinformação ou pelo modo obsessivo como capturam a atenção dos seus utilizadores.

Se para nós, comunicação social, tudo isto representa um enorme problema, estamos cientes de que o mesmo acontece com o sistema de ensino. Ambos os sectores querem produzir e transmitir conhecimento sólido, criar diálogos frutuosos, ajudar a perceber melhor o mundo, fomentar cidadãos críticos. Coisas a que nem sempre as redes e o mundo digital fragmentado têm ajudado.

Por estas razões, às vezes o tradicional é mesmo a melhor estratégia. Pode parecer que um documento em PDF é um artefacto do passado, mas a forma como serve para fixar e organizar o pensamento, para lá da riqueza do seu conteúdo, pode revelar-se surpreendente. Contra o mundo do *scroll* infinito, o Boletim do PÚBLICO na Escola vai voltar a ser uma marca do mais duradouro programa de literacia mediática do país. Não precisam de fazer *like*, mas vão ver que vão gostar.



As redes vão continuar a fazer parte das nossas vidas e da nossa vida em sociedade, mas o simples facto de quem não conheceu um mundo sem elas estar a começar a revelar sinais de cansaço mostra que o seu reino pode não ser absoluto.



Editorial de **Bárbara Simões**

COORDENADORA DO PÚBLICO NA ESCOLA

“Não tenho visto notícias.” A sério? O que podemos fazer para mudar isso?

Perguntam-nos muitas vezes que tipo de coisas fazemos no PÚBLICO na Escola. A partir de agora, vai ser mais fácil responder. Já lá vamos, ao Boletim propriamente dito.

Uma das coisas que nos acontecem muito, por aqui, é cruzarmos com pessoas excecionais. Desde logo, no mundo dos jornais escolares. Quem conhece as cerimónias de entrega de prémios do Concurso Nacional de Jornais Escolares ou o Encontro Nacional de Jovens Jornalistas (este co-organizado com a Direção-Geral da Educação) sabe bem de que falo. É impossível não ser tocado por toda aquela exaltação e todo aquele empenho. As pa-

lavras lindas que os alunos dizem, a cumplicidade que evidenciam com os professores que os acompanham e lhes alimentam a vontade de escrever no jornal, de noticiar, de se envolverem com o que os rodeia. De voar, sempre.

É também para dar a conhecer estas pessoas incríveis e os seus interesses e atividades na área da educação para os *media*, em que com elas nos cruzamos, que o Boletim PÚBLICO na Escola agora ressurgiu, na última sexta-feira do mês. Primeiro número, sim, mas sublinhando sempre: de 2025. Porque o Boletim PÚBLICO na Escola surgiu há 35 anos e tornou-se marca de um projeto pioneiro que acompanhou o nascimento do jornal, em 1990, e

prosseguiu sem interrupções durante mais de duas décadas. Foi retomado em 2019-20, com a atual equipa.

Mais uma pergunta a que vamos poder responder sem hesitar: quando é que o Boletim volta? Já aqui está, acabou de voltar, digital e gratuito, na mesma semana em que lançámos a Rede PÚBLICO na Escola.

Todos os meses, daremos a conhecer um jornal escolar (desta vez, o *Escrita Irrequieta*), bem como o vencedor da mais recente edição do concurso de textos de opinião “Isso também é comigo”. Apresentaremos um plano de aula e um desafio para alunos, aproveitando o inesgotável potencial do jornal PÚBLICO como ferramenta pedagógica.

Contaremos com uma crónica da Ana Beatriz Pereira, aluna da Escola Secundária Vitorino Nemésio, na açoriana Praia da Vitória, que nos encantou desde a primeira vez em que a ouvimos (lá está) numa entre-

ga de prémios do concurso de jornais escolares. Neste número de estreia, para além da crónica, ficamos a conhecê-la melhor através do perfil que dela traçam os que a rodeiam.

Registaremos novidades, divulgaremos materiais e informações que possam ser úteis nesta empreitada que assumimos de tentar familiarizar os mais novos com o mundo da informação (o melhor antídoto para a desinformação). Como? Mostrando como se faz, descodificando, incentivando a fazer.

Ainda na semana passada, por duas vezes no mesmo dia, ouvi: “Não tenho visto notícias.” A sério? Nada? Nadinha? Nem Trump nem tempestade nem “malagate”? Zero. Podemos fazer alguma coisa para combater este alheamento? Acreditamos que sim. E esperamos que este Boletim PÚBLICO na Escola seja mais um passo nessa hercúlea tarefa.



Registaremos novidades, divulgaremos materiais e informações que possam ser úteis nesta empreitada que assumimos de tentar familiarizar os mais novos com o mundo da informação (o melhor antídoto para a desinformação)



A equipa (e o PÚBLICO na Escola) na reunião de preparação do primeiro jornal de 2025. Foto de Paula Marques.

Mais do que um jornal escolar, o “único jornal da Branca”

Escrita Irrequieta

Pelas páginas deste jornal passaram já primos, irmãos, amigos dos alunos do 3.º ciclo que agora o fazem. A primeira edição de 2025 foi ultimada há dias.

A professora Mónica Machado está sentada à cabeceira de uma mesa comprida e dirige-se a um grupo de alunos e professores: “Nós tínhamos como primeiro ponto da reunião o trabalho efetuado até ao momento e o ponto de situação da primeira edição”, diz. Este é o núcleo duro do jornal escolar *Escrita Irrequieta*, reunido na biblioteca escolar da Escola Básica da Branca, num final de tarde de janeiro, para fechar os conteúdos da primeira edição do ano de 2025.

Atrás da professora, uma janela rasgada deixa a luz natural e a paisagem entrarem pela biblioteca dentro. Enquanto ainda é dia, avistam-se as consequências do incêndio que assolou o concelho de Albergaria-a-Velha em setembro de 2024. “As nossas aulas começaram mais tarde por causa do incêndio, foi horrível”, recorda Matilde Neves, aluna

do 9.º ano. Salvador Marques, o colega do 8.º ano que se senta ao seu lado, anui e partilha que é da sua autoria uma reportagem sobre o assunto, que estará nesta edição do *Escrita Irrequieta*.

Todos os jovens jornalistas que aqui se sentam fazem parte da equipa há pelo menos um ano. As motivações para se juntarem à equipa e passarem a vestir a camisola foram diversas: alguns já gostavam de escrever, outros procuravam uma atividade extra-curricular aliciante (ainda por cima, com visitas de estudo); mas grande parte já tinha ouvido falar sobre o jornal. Quando começam a folhear edições anteriores do jornal percebemos porquê: por estas páginas já passaram primos, irmãos, amigos.

“Nós somos um jornal escolar, mas somos o único jornal da Branca. Se os alunos andam aqui na Branca, vão levar o jornal para casa e os pais vão ver. Depois dizem: esta notícia é interessante, ‘bora’ mandar para o grupo da família. O grupo da família gosta, os avós mandam para os amigos deles: ‘Já viste, o meu neto fez isto.’ E depois palavra puxa palavra e vai-se assim anunciando”, conta Tiago Marques, aluno do 9.º ano. É assim há quase trinta anos. Quando surgiu, corria o ano letivo de 1995-96, chamava-se *Voz Activa* e dava conta, sobretudo, das notícias do agrupamento. Com o tempo, foi-se aprimorando. Em março de 2008, a equipa viu-se obrigada a mudar de nome: *Escrita Irrequieta* pareceu uma boa opção.

“Mais de alunos para alunos”

Foi já com este novo nome que venceram o prémio de Melhor Design em 2009/10, no Concurso Nacional de Jornais Escolares pro-

movido pelo PÚBLICO na Escola. Nos últimos anos, continuaram a ser distinguidos: em 2022-2023 o primeiro lugar para Melhor Jornal de Agrupamento, em 2023-24 o segundo lugar na mesma categoria. As coordenadoras, a professora bibliotecária Cristina Silva e a adjunta da direção Dora Gomes, garantem que estes prémios deram

Tiago Marques e Gabriel Antão: o *Escrita Irrequieta* no Encontro Nacional de Jovens Jornalistas, em Ponte de Lima, em abril de 2024. Foto de Nelson Garrido.



“um impulso muito grande ao jornal”. O mesmo com as idas ao Encontro Nacional de Jovens Jornalistas, em Mafra e Ponte de Lima: “Começámos a perceber melhor como é que o jornal podia ser mais de alunos para alunos.”

Neste jornal do Agrupamento de Escolas, não se brinca ao faz de conta. As reportagens têm intenção e consequência – como aquela que Tiago Marques e Cláudio Santos fizeram sobre a unidade de autismo da escola, que levou a que o volume do som das colunas da sala de alunos fosse diminuído. E as ideias não param de chegar, o desafio é que tudo caiba nas cerca de 20 páginas que o professor Rui Henriques vai dese-



O grupo da família gosta, os avós mandam para os amigos deles: ‘Já viste, o meu neto fez isto.’ E depois palavra puxa palavra e vai-se assim anunciando

nhar. O limite é imposto pelo orçamento, já que é um jornal em papel e assim querem que continue a ser. E de onde vem esse orçamento? Dos sócios (são cerca de 300, entre alunos e as suas famílias, professores e funcionários), que pagam 2€ por ano para receber todas as edições publicadas, da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha e das juntas de freguesia das zonas das escolas do agrupamento.

Na história do *Escrita Irrequieta*, o futuro parece estar garantido. Mas na biblioteca-redação nunca se esquece o passado: entrar para esta equipa implica reconhecer o contributo do professor José Paulo Lourenço, o grande recrutador dos alunos até ter mudado de escola no presente ano letivo, ou da professora Teresa Damasceno, uma das fundadoras, que agora regressou à equipa. Quem por lá passa garante que é uma experiência fundadora: “Pertencer ao *Escrita Irrequieta* foi algo que me moldou como pessoa, que me deu oportunidades incríveis e que me fez desenvolver melhor”, partilha Mariana Alves, colaboradora até há dois anos, hoje repórter no *Sinopse*, jornal que ajudou a criar na Escola Secundária de Albergaria-a-Velha e que venceu o prémio de Melhor Design Gráfico no Concurso Nacional de Jornais Escolares 2023-24.



Na biblioteca escolar guarda-se o arquivo do *Escrita Irrequieta*, com edições desde o tempo em que se chamava *Voz Activa* à primeira edição com a designação atual



Bilhete de Identidade

NOME

Escrita Irrequieta
(antes de março de 2008, *Voz Activa*)

DATA DE NASCIMENTO

1995-1996

NÚMERO DE PÁGINAS

20 páginas

PERIODICIDADE

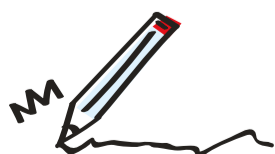
Duas vezes por ano
(uma por semestre)

COORDENAÇÃO

Cristina Silva
(professora bibliotecária e coordenadora da equipa)
Dora Gomes
(professora e coordenadora da direção)

JORNALISTAS RESIDENTES:

Matilde Neves 9.ªA,
Salvador Marques 8.ªA,
Duarte Marques 9.º A,
Tiago Marques 9.ªA,
Cláudio Santos 9.ªA,
Mariana Gusmão 8.ªC





Gabriela Pedro

Desafio para alunos

Atreves-te a procurar heróis invisíveis?

Em tempos em que tanta coisa acontece ao mesmo tempo e por todo o lado, em que a informação é produzida ao minuto e se atropela nos diferentes canais de comunicação, desafiamos-te a olhar à volta e a procurar os heróis invisíveis da tua zona.

Foi isso que fizeram os fotógrafos Bruno Batista e Iara Rodrigues neste trabalho que saiu no jornal PÚBLICO, no dia 13 de janeiro: “Eles levantam-se de madrugada para trabalhar – e fazer o mundo girar”.

Entre os teus vizinhos e na tua comunidade existem trabalhadores como estes que merecem a tua atenção. Já alguma vez te questionaste? Quem faz o pão do teu pequeno almoço? Quem limpa as ruas por onde andas e os transportes que apanhas? Quem trata das plantas do parque onde paras com os teus amigos? Quem vende, no mercado, os produtos para a confeção do teu almoço? Quem repõe os produtos nas prateleiras do supermercado? Vais descobrir pessoas que asseguram o bem-estar do teu quotidiano e de quem nunca se fala.

O que podes fazer?

Encontrar essas pessoas e fotografá-las para criar uma fotogaleria. Conversar com elas, compreender quem são e o que fazem e escrever breves perfis a acompanhar as fotos.

Do que precisas?

Começa por desafiar um amigo para te acompanhar nesta aventura.

Definam um itinerário Peguem numa máquina fotográfica, num gravador de áudio (ou num *smartphone*) e vão para a rua à descoberta dos heróis invisíveis, inspirados neste trabalho do PÚBLICO. Encontrem-nos, conversem com eles e fotografem-nos.

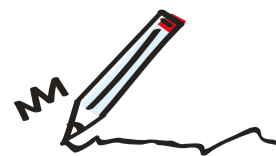
Quando terminarem, reúnam o material fotográfico e transcrevam os testemunhos gravados. Depois, selecionem, editem e organizem as fotografias. São a preto e branco ou a cores? Qual é a melhor legenda? Qual a estrutura mais adequada para o texto do perfil? Estas são algumas das várias decisões que vão ter de tomar.

Elaborem os perfis para acompanhar cada fotografia – textos curtos que apresentem as pessoas e revelem alguns dados curiosos sobre a sua atividade, incluindo citações das próprias. E depois de terem tudo revisto, não guardem o trabalho só para vocês. Divulguem-no em vários canais. Podem até sugerir montar uma exposição em colaboração com a autarquia!

E, claro, partilhem-no connosco através de publiconaescola@publico.pt.

NOTA: Não se esqueçam de informar as pessoas do objetivo do vosso trabalho, assim como de lhes solicitar autorização para captação de imagem e som e posterior publicação.

O jornal PÚBLICO não é escrito segundo o Acordo Ortográfico de 1990.



LUÍSA GONÇALVES



Dezembro de 2024.

Ana Beatriz Pereira voltou à redação do PÚBLICO, em Lisboa, para a entrega de prémios do Concurso Nacional de Jornais Escolares. Foto de Rui Gaudêncio.

“Sempre focada mas sonhadora, sempre empenhada mas idealista”

Perfil de Ana Beatriz Pereira

Coordenou o jornal escolar

Se Bem Nos Lembramos, participou nas Olimpíadas Internacionais de Geografia, é presidente da Associação de Estudantes. É uma jovem inquieta, a quem o mundo não parece grande de mais. Assina agora uma crónica no Boletim PÚBLICO na Escola.



TEXTO DE CAROLINA FRANCO

Vestia uma camisa de mangas abalonadas, colete e calças pretas; calçava sapatos com um pequeno salto. Quando chegou a sua vez, entrou com uma confiança que não dava a entender ser a primeira vez que ali estava. Recebeu o cheque gigante sozinha, dirigiu-se sozinha ao púlpito, discursou. E sem ter de se esforçar muito, fez a audiência rir. A partir daquele dia, o seu nome foi circulando no mundo dos jornais escolares.

Ana Beatriz Pereira tinha voado da Praia da Vitória, na Ilha Terceira (Açores), até à redação do PÚBLICO em Lisboa para receber o 2.º Prémio de Melhor Jornal de Escola, atribuído ao jornal *Se Bem Nos Lembramos* (SBNL), da Escola Secundária Vitorino Nemésio. Estávamos em novembro de 2022. Nesse discurso que fez sozinha, dirigiu-se a todos aqueles que hesitam dar passos em frente com medo do desconhecido: “Arris-

quem. Arrisquem tudo o que têm, porque os maiores sucessos surgem quando mais coisas estão em perigo.” Era isso que tinha feito no ano letivo anterior com a equipa do jornal que tinha começado a coordenar. E regressou mais duas vezes à redação do PÚBLICO para receber distinções, em 2023 o primeiro lugar de Melhor Jornal de Escola e em 2024 o segundo.

Para Ana Beatriz, o SBNL não era só um jornal. No mesmo discurso disse que gostava de imaginar a equipa como “piratas num barco em mares tempestuosos”. Viríamos mais tarde a perceber que este não era um navio qualquer: como Awilda, a pirata escandinava que seguiu viagem com um grupo de amigas que pensavam como ela para fugir ao destino que lhe estava reservado sendo filha do rei de Gotland, Ana Beatriz foi reunindo as pessoas certas para seguir caminho além da insularidade. O barco era o jornal escolar.

“Foi ela, na altura em que coordenava o jornal, que me incentivou a dar um passo além da fotografia, sugerindo que me aventurasse pela escrita criativa. Foi ela a razão pela qual comecei a publicar os meus poemas, mesmo sem acreditar que tinha algo a dizer.” As palavras são de Renata Godinho, antiga colega de turma, que a conheceu no 7.º ano e ficou uma amiga para a vida. E não foi a única, também Gonçalo Pereira foi convidado a integrar a equipa do jornal, mas para gerir redes sociais. Já se conheciam há muitos anos, tinham estudado violoncelo juntos no Conservatório de Música, só que não tinha surgido a oportunidade de se aproximarem. Até Gonçalo se ter juntado à tripulação do SBNL.

Passado uns tempos, foi convidado para integrar a lista da associa-



Gonçalo Pereira, amigo de Ana, é companheiro de conversas existenciais e o seu braço direito na Associação de Estudantes. Foto DR.

ção de estudantes. Hoje em dia é vice presidente e braço direito de Ana Beatriz. Com o tempo e a proximidade, Gonçalo tem vindo a confirmar a impressão que já tinha há alguns anos: “A Ana é uma líder que transforma ideias em realidades extraordinárias e transforma as pessoas na melhor versão de si mesmas.”

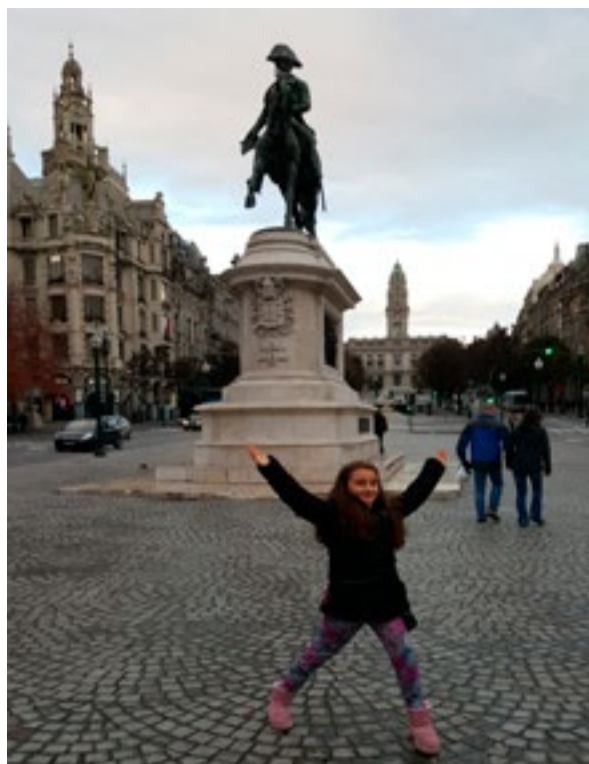
Urgência por mudança

A história desta “líder” começa a 9 de fevereiro de 2007. Não na Praia da Vitória, mas em Cedofeita, no Porto. Foi lá que nasceu e deu os primeiros passos, até ter de ir viver com a família para a Ilha Terceira, nos Açores, aos dois anos. Mais tarde regressaria ao Porto, por pouco tempo, mas a sensação de mudança tem sido uma constante – já mudou de casa umas seis vezes. “Viajar define a minha vida, é o que mais tenho feito desde o meu primeiro ano de idade”, diz a própria. E como boa representante da Geração Z, essas viagens não são apenas uma realidade do mundo físico; acontecem

também na internet, com redes sociais que permitem fazer amigos em qualquer parte do planeta.

No ano em que nasceu, Steve Jobs lançou o primeiro iPhone e a Google apresentou o Street View. O nome “Osama Bin Laden” apareceu recorrentemente nas notícias de vários países. Em Portugal, o aborto foi despenalizado. A História do país e do mundo foi sendo contada, mas há um momento que se recorda de ter sido marcante na sua história pessoal: 8 de novembro de 2016. “Se me perguntarem ‘Onde é que estavas quando o Trump foi eleito pela primeira vez?’, eu sei a resposta.” O momento em que viu Donald Trump ser anunciado Presidente dos Estados Unidos da América marcou-a; a partir dali, nada voltou a ser como antes. Ana Beatriz sente que foi “contagiada pela sensação de que o progresso não é uma linha reta”.

Na altura era mais tímida, não se pronunciava muito sobre o estado das coisas. Estava numa fase de introdução ao desconhecido. Encontrou no Tumblr um espaço seguro para partilhar interesses culturais



Aos 9 anos viveu no Porto pela segunda vez .
Foto DR.



Ana com a equipa portuguesa na zona vulcânica de Tangkuban Perahu. Em agosto de 2023, viajou para a Indonésia para participar nas Olimpíadas Internacionais de Geografia. Foto DR.



Se Bem Nos Lembramos não era só um jornal. Ana Beatriz gostava de imaginar a equipa como “piratas num barco em mares tempestuosos”. Foi reunindo as pessoas certas para seguir caminho além da insularidade. O barco era o jornal escolar.

com pessoas de diferentes países e, também por lá, tropeçou em comentários sobre a política norte-americana. O Tumblr era “um veículo de pensamento de muitos jovens”, onde “tinha contacto com tudo aquilo a que não tinha acesso na (ilha) Terceira, que era a consciência de que existe um mundo político”. E não foi preciso muito para que também Ana se tornasse uma jovem politicamente ativa.

Na Escola Secundária Vitorino Nemésio, onde estuda Economia, a associação de estudantes foi um espaço onde conseguiu começar a traçar mudanças concretas para a comunidade. No Parlamento de Jovens, teve oportunidade de encontrar pessoas que discordavam de si em “temas que são crenças básicas da democracia” e teve um “sentido de dever cívico”. Logo a seguir, inscreveu-se no Partido Livre. “Havia muito que eu queria fazer, no que dizia respeito a intervir e organizar para a intervenção, que só através de um partido é que eu ia efetivamente conseguir”, explica.

Para os que a conhecem e acompanham de perto, como o professor e coordenador da biblioteca escolar António Couto, Ana Beatriz é “sempre focada, mas sonhadora, sempre empenhada, mas idealista”. “Nunca se cingiu a replicar o saber livresco; soube ir além da redoma escolar, revelando interesses extracurriculares em áreas e em tarefas diversificadas”, comenta o mesmo professor. A escrita, o desenho, a literatura, a música, a tecnologia, e tantas outras coisas. É essa amálgama que a torna singular, defendem, por seu lado, os amigos Gonçalo e Renata. “Na nossa escola, ela não é apenas uma colega, não é apenas uma amiga. É um exemplo de dedicação, inspiração e profissionalismo”, acrescenta Gonçalo.

Nos projetos a que se vai juntando (não são poucos!), tem sempre uma certeza: quer fazer diferente. Se em tempos se corrigiu a si mesma, e se tentou educar para não ser tão inquieta, hoje tem a certeza de que é essa inquietação que nunca quer deixar de sentir.



Foto DR.

Crónica de **Ana B. Pereira**

ALUNA DO 12.º ANO
ESCOLA SECUNDÁRIA VITORINO
NEMÉSIO, PRAIA DA VITÓRIA

O Alfarrabista: o erro estoico ou cobardia

O vento cheio de maresia corta os meus pulmões nas manhãs de janeiro. Vivo tão perto do mar que o ouço ao adormecer, ao acordar, ao almoçar, numa revolta eterna. Penso no que pensaria Ricardo Reis se também a ele lhe ardesse a garganta, do sal da paisa-

gem mais bela que conhece, agreste e perigosa. O que faria, perante a própria fúria do natural, ao contrário do seu rio fictício, confrontado com o aroma picante da dor?

Os estóicos são inspirações nossas até hoje. A psicoterapia moderna é-lhes próxima em muitos aspetos, o *mindfulness* também bebe do mes-

mo poço. Autocontrole, aceitação total daquilo que não controlamos, a harmonia com o mundo natural. O Universo tem a sua engenharia, o seu desenho, e há que o encontrar – sentado, ceando calmamente, à volta da mesma mesa que a Razão, que enche um sóbrio cálice de vinho, e que a Verdade, beliscando o pão. “Esperámos-te durante tanto tempo,” dizem ao estoico, “sê bem-vindo e senta-te.” Passo a passo, o estoico vai construindo os degraus que o levarão a esta ceia, desfazendo-se de tudo o resto que o faz humano. Regrando e regulamentando-se, absorvendo um tal de mítico equilíbrio da natureza, que nunca conheci. O estoico diria que vai despindo os seus pesos. Eu digo que vai destruindo a própria humanidade. É um covarde.

Leio Ricardo Reis com um certo pasmo. Como é possível que uma pessoa se cegue tão engenhosamente perante o próprio medo? Admira-me que se possa ser tão confiante numa fuga, em pânico, da própria vida. Cresci, de muitas formas, com a violência, mesmo não tendo uma única cicatriz na minha pele. O que há no sofrimento, e no mal, e no errado, de tão corruptor e pestilento? Enlouquecemos a gotas quando tentamos corrigir a nossa existência, e debatemo-nos com os estragos.



Devia ter 13 anos quando escrevi uma tentativa de um romance com o nome *Ode ao Mal*, em que um rapaz e uma rapariga se perseguem mutuamente e se vão destruindo, capítulo a capítulo, até tudo desabar sob a debandada de uma manada de zebras. O perverso e destrutivo carregam em si energia quase ilimitada. Têm em si a permissão para a admissão do complexo, do indizível e do imperfeito, que me foram sangrando a crença numa indiferença protetora. Há mais, muito mais. Vamo-nos anulando com a nossa moderação radical, tornando-nos altamente produtivos e amavelmente simpáticos, corretos, redondos, frescos, (uma forma de se ser antimetafísico que Caeiro tinha a felicidade de desconhecer). Vamo-nos enganando com uma busca pelo correto e absoluto. Vamo-nos consolando com a fé numa verdade universal. Embebedamo-nos com narrativas falsas de que vida não é uma narrativa, e esquecemos que o valor das histórias não vem da sua pureza.

Há uma caldeira verde no centro desta ilha que me dizia que nada transporia o meu escudo. Agora, já não me fala. Desde então, abri braços aos arranhões, à ira gutural, ao riso histérico, e também ao sofrimento de outros, e voltei a ser uma pessoa.

Vamo-nos enganando com uma busca pelo correto e absoluto. Vamo-nos consolando com a fé numa verdade universal. Embebedamo-nos com narrativas falsas de que vida não é uma narrativa, e esquecemos que o valor das histórias não vem da sua pureza.

Jornais escolares

10 perguntas e respostas sobre a plataforma

True

A plataforma TRUE para a criação de jornais escolares foi apresentada em setembro de 2023. Gratuita e de fácil utilização, procura dar resposta à dificuldade, sentida em muitas escolas, de iniciar ou transpor para o ambiente digital um jornal escolar. Aproximamo-nos neste momento dos 240 pedidos de acesso com registo concluído, correspondentes a outras tantas publicações. Surgem, também, dúvidas. Algumas, incluindo as mais frequentes, ficam aqui respondidas.

Quero fazer um jornal escolar na plataforma TRUE.

Qual é o primeiro passo?

Ir ao *site* do PÚBLICO na Escola, procurar um dos campos dedicados ao projeto TRUE, entrar e submeter o endereço de *email* no local indicado. Será, depois, contactado pela equipa, para dar início ao processo de registo e criação do jornal.

Posso aceder à plataforma apenas para experimentar, antes de decidir se o jornal vai mesmo avançar?

Não. O registo é para o jornal. E o jornal tem de ter o nome escolhido, pelo menos; esse campo é definitivo. Já o logótipo pode ser provisório e substituído mais tarde.

Depois de ter sido contactado e de ter enviado os elementos pedidos, não recebi o *email* com o convite para aceder à plataforma. O que devo fazer?

Antes de mais, verificar se não terá entrado como spam/correio indesejado. Se lá não estiver, contactar, por favor, a equipa do PÚBLICO na Escola, através do *email*.

Há algum tutorial que me possa ajudar nesta primeira fase?

Esta questão é tão premente, que justificou um *webinar*, realizado, em outubro de 2023, em parceria com a Direção-Geral da Educação. “Como fazer um jornal escolar na plataforma TRUE” (gravação disponível aqui) mostra, passo a passo, o que acontece a partir do momento em que se aceita o convite para aceder à plataforma.

Qualquer pessoa pode ler o jornal?

Sim. É um jornal *online*, com o seu *url*, acessível a todos. Os artigos podem ainda ser enviados um a um.

A plataforma será sempre gratuita?

Sim, sem qualquer dúvida.

Uma escola pode ter mais do que um jornal TRUE?

Claro que sim, desde que a cada um deles corresponda, no registo, um endereço de *email* distinto. Há jornais de turma, de escola, de agrupamento, temáticos...

Pedi o acesso já há algum tempo, mas não cheguei a fazer nada.

Continua ativo ou expira ao fim de algum tempo?

O acesso à plataforma não tem prazo de validade. Quando houver condições para começar a fazer o jornal, a plataforma lá está, pronta a ser utilizada.

As fotos devem de ser horizontais?

Sim. Esse é o formato previsto.

O PÚBLICO pode ser responsabilizado pelos conteúdos divulgados nestes jornais TRUE?

Não. Concluído o acesso, os conteúdos são da inteira responsabilidade dos utilizadores (termos e condições da plataforma).



POR BÁRBARA SIMÕES

“Os ventos do sul não movem moinhos”



TEXTO DE
DAVI DA SILVA BASTOS

“Os ventos do norte não movem moinhos” entoa na canção brasileira “Sangue Latino”, da banda Secos & Molhados. Em terras lusas, todavia, o verso transforma-se. Face a salas de aula desertas, escalam os docentes brasileiros muros burocráticos que os impedem de lecionar.

Segundo a reportagem de 11 de dezembro, assinada por Jair Rattner, do jornal PÚBLICO Brasil, e intitulada “Parlamento discute restrições a professores brasileiros em escolas de Portugal”, a travessia do Atlântico parece implicar o apagamento de

Foto DR.



CONCURSO
**ISTO TAMBÉM
É COMIGO!**

VENCEDOR DA EDIÇÃO DE DEZEMBRO DE 2024
DAVI DA SILVA BASTOS

ALUNO DO 12.º ANO | AE JOÃO DA SILVA CORREIA, SÃO JOÃO DA MADEIRA



quaisquer competências e qualificações. Absurdo? Não o é para quem, com força crua, impinge aos professores oriundos do Brasil uma experiência de soterramento por papelada e enredamento em exigências desatinadas. Pergunto-me: porquê?

Como brasileiro, reconheço na atual conjuntura o eco de preconceitos que associam a nossa origem a uma suposta inferioridade intelectual. Ainda assim, espanta-me que, mesmo sabendo da alarmante crise de recursos humanos na educação, não se engendrem soluções. E casos isolados abundam. Daí a iniciativa de docentes, como Daniel Abreu, e tantos outros, de criar uma petição para ser ouvida no Parlamento.

Em vão tentam as instituições, a meu ver, esconder a realidade. Eis a sua máxima: “os ventos do sul não movem moinhos”. Perdem-se no juízo de “horas-aula” ou “créditos”, ignorando uma oportunidade rara. Afinal, com a mesma língua e uma cosmovisão similar, o que distingue um brasileiro de um português numa sala de aula? Reverbera, vazia, a defesa da qualidade do ensino, apesar da experiência letiva e da formação plena dos brasileiros, ficando assim exposto um sistema manifestamente xenófobo, radicado no véu do zelo.

Efetivamente, julgo que a reivindicação dos docentes não é uma luta por privilégios, mas por justiça, sendo a lei clara na igualdade de condições no acesso à carreira, que não se

A travessia do Atlântico parece implicar o apagamento de competências e qualificações. Absurdo? Não o é para quem impinge aos professores oriundos do Brasil uma experiência de soterramento por papelada e enredamento em exigências desatinadas.

tem verificado. A discussão no Parlamento não é sobre habilitações, mas sobre a resistência em acolher o outro.

Ultimamente, vemos ser separados não apenas professores das suas vocações, mas alunos da sua educação. É um ato de negligência, de cegueira cultural. Como em “Sangue Latino”, ouvimos, nas vozes roucas dos docentes brasileiros, “um grito, um desabafo”. Que Portugal os ouça!



O PÚBLICO Brasil, onde Davi da Silva Bastos leu a [notícia](#) acerca da qual opinou, é um projeto editorial, com a chancela do PÚBLICO, nascido em agosto de 2024.

Iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso “[Isto também é comigo!](#)” distingue, todos os meses, um texto de opinião da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO. Integraram o júri, na edição de dezembro de 2024: Cláudia Sá, professora de Português e coordenadora do Clube de Jornalismo da Escola Básica António Correia de Oliveira, em Esposende; Carla Fernandes, elemento da equipa do Gabinete Coordenador da RBE; Carolina Franco, jornalista, PÚBLICO na Escola; e João Gabriel Cardoso Lourosa, aluno do 12.º ano do Agrupamento de Escolas de Tondela.

Plano de aula

Recurso educativo

Inquietações do futuro numa notícia e num inquérito

Contextualização

No início de um novo ano, consideramos importante ouvir os alunos acerca das suas maiores preocupações: das mais próximas às mais globais. Incentivar uma reflexão sobre o que aconteceu em 2024, para que identifiquem os principais fatores de risco do futuro. Porque saber o que se passa à volta implica estar bem informado. Implica identificar problemas e dificuldades, interpretar o que chega através dos *media*, contextualizar os acontecimentos, compreendendo a sua inter-relação e complexidade – contrariando, assim, a tendência atual de leituras fragmentadas e simplistas. Guerra, alterações climáticas, desinformação, tecnologia, imigração são alguns dos temas incontornáveis. O que terão os alunos a acrescentar?

Para orientar esse trabalho, propomos uma sequência de atividades que parte da análise de uma notícia do jornal PÚBLICO e que ajudará os alunos a identificar o que inquieta os membros da sua comunidade e a estabelecer diferentes conexões entre

essas preocupações. É um plano de aula que faz todo o sentido no âmbito de Cidadania e Desenvolvimento, mas que mobiliza conhecimentos de várias disciplinas, em particular de Português e de Matemática.

Como em todos os planos de aula sugeridos pelo PÚBLICO na Escola, é aqui evidente a preocupação em cruzar objetivos de educação para os *media* com objetivos curriculares de diversas disciplinas, contribuindo para uma prática intencional, sistemática e articulada com as diversas áreas do conhecimento. Bom trabalho!

DESTINATÁRIOS:

> Alunos do ensino secundário

DISCIPLINAS:

> Cidadania e Desenvolvimento/ Português/ Matemática

PRÉ-REQUISITOS:

> Conhecer as características de uma notícia; saber elaborar inquéritos

RECURSOS:

Texto do jornal PÚBLICO “[A guerra é o maior risco global para 2025](#)” de Clara Barata (15 de janeiro de 2025); computador e projetor de vídeo (caso optem por projetar o texto).

OBJETIVOS:

- > Analisar a informação que um jornal oferece;
- > Produzir textos com propósito informativo, adequados à situação de comunicação, com correção e propriedade lexical;
- > Identificar fontes de informação credíveis;
- > Perceber que a informação é quantificável.

Plano de aula : Desenvolvimento

Antes da leitura do texto

- > Para ativação dos conhecimentos necessários para a atividade, sugere-se começar por um diálogo na turma. Algumas perguntas – quais foram os principais acontecimentos de 2024 que vão ter mais impacto no futuro? Entre estes fatores de risco, quais os que mais vos inquietam? – podem dar bons motivos para a conversa;
- > Durante o diálogo, registar no quadro as sugestões referidas pelos alunos;
- > No final, solicitar formas de organizar as preocupações registadas no quadro, questionando: acham que estas são preocupações da vossa geração ou também são inquietações dos mais velhos? São preocupações mais próximas ou mais globais? Com impacto a curto ou a longo prazo? Quais os seus domínios (económico, ambiental, social, geopolítico, tecnológico)?

Momento de leitura do texto

- > Projeção do texto do PÚBLICO (disponível em publico.pt/2118794), ou distribuição em fotocópias;
- > Antecipação do seu conteúdo, a partir da leitura do título;
- > Leitura individual do texto;



Depois da leitura do texto

- > Dialogar sobre a relação do texto com a atividade realizada antes da leitura: quais os fatores de risco evidenciados no texto? Têm relação com os que foram identificados pela turma, na atividade anterior?
- > Descobrir o género jornalístico em que o texto se inscreve, identificando as suas principais características;
- > Identificar o autor da notícia;
- > Identificar o antetítulo, o título, a entrada da notícia, os subtítulos e suas respetivas funções;
- > Analisar a imagem e os elementos que a completam: legenda e crédito;
- > Identificar a fonte da notícia, aproveitando para refletir sobre os cuidados que devem existir na seleção das fontes de um trabalho jornalístico;
- > Clarificar a tarefa a realizar: criar um texto semelhante ao da jornalista Clara Barata, para apresentar os dados recolhidos num inquérito aplicado na comunidade educativa;
- > Elaborar o inquérito: definir o público-alvo, o título, o texto de apresentação, a questão (por exemplo: enumere, por ordem de impacto, 6 dos principais desafios para a humanidade na próxima década), a forma de o divulgar;
- > Aplicar o inquérito na comunidade educativa;
- > Recolher e organizar os dados: verificar pontos de convergência nas respostas, assim como aquilo que acrescentam ao que tinha sido identificado pela turma;
- > Com a ajuda de diferentes cores, agrupar as respostas em categorias: económicas, ambientais, sociais, geopolíticas, tecnologias;
- > Descobrir conexões entre as diferentes respostas, à semelhança do que é apresentado no texto em “Ligações entre os riscos globais”;
- > Tratar os dados, apresentando-os num gráfico de barras como o que está no texto: “Top 10 de riscos globais em 2025”;
- > Regressar à notícia do PÚBLICO para rever aspetos da organização e da estrutura que a caracterizam;
- > Elaborar uma notícia que apresente o trabalho realizado pela turma, tendo como referência o que Clara Barata fez com o relatório do Fórum Económico Mundial;
- > Publicar e apresentar o texto nos canais de comunicação da turma/escola, por exemplo no jornal escolar.

MAIS SUGESTÕES:

- > Pesquisar no jornal conteúdos relacionados com os fatores de risco evidenciados no inquérito e elaborar textos informativos, em pequenos grupos. Depois, ligá-los à notícia, criando hiperligações que vão enriquecer a leitura.

AVALIAÇÃO

- > Pelo envolvimento durante todo o processo;
- > Pela capacidade reflexiva e crítica demonstrada.

O jornal PÚBLICO não é escrito segundo o Acordo Ortográfico de 1990.



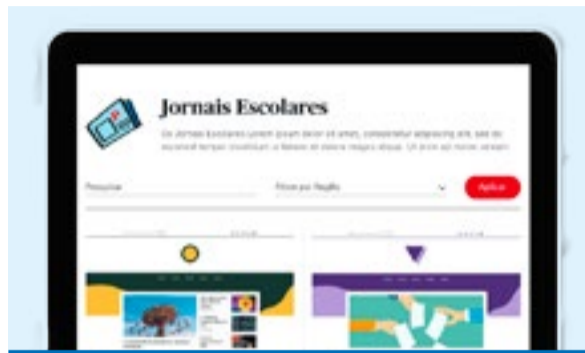
Apontamentos

7 Dias com os Media | “IA, eu penso!” é desta vez o mote da Operação

A Inteligência Artificial (IA) parece estar em todo o lado ao mesmo tempo. Mas como é que nos podemos relacionar com esta tecnologia de forma consciente? A próxima edição da iniciativa “7 Dias com os Media”, apresentada no AI Hub-Unicorn Factory (Lisboa) na tarde de 29 de janeiro, cria o pretexto para que se pense com calma sobre o assunto. De 3 a 9 de maio, todos estão convidados a fazer parte desta operação dinamizada há treze anos pelo GILM - Grupo Informal de Literacia Mediática. Cidadãos, sejam eles professores e alunos ou não, devem produzir conteúdos dedicados aos media, em particular à IA, durante essa semana.

Webinars | Reportagem, entrevista e texto de opinião

Três registos, dois concursos promovidos em parceria pelo PÚBLICO na Escola e a Rede de Bibliotecas Escolares: “Jornalistas em Rede”, focado na reportagem e na entrevista; e “Isto Também é comigo!”, a premiar um texto de opinião todos os meses. Cada um deles foi recentemente tema de um webinar destinado a ajudar quem tencione participar. Com o testemunho de alunos vencedores em edições anteriores e dicas de jornalismo e agora disponíveis no YouTube (“Jornalistas em Rede”, “Isto também é comigo!”).



Diretório | Para ver que jornais são feitos nas escolas

Ideia já há algum tempo acalentada, viu a sua concretização chegar no ano letivo de 2024-25: um diretório que dê a conhecer (e a ler, se forem digitais) os jornais escolares publicados por todo o país. A pesquisa faz-se por título ou por concelho, a partir do site do PÚBLICO na Escola. No arranque, reuniu os 101 títulos que participaram na mais recente edição do Concurso Nacional de Jornais Escolares. Com o tempo a lista irá sendo acrescentada. Todos os contributos são bem-vindos.

Podcast P24 | O abominável novo mundo da desinformação

Mark Zuckerberg, dono da Meta, anunciou “o fim dos mecanismos de controlo e verificação de factos nas suas redes sociais Facebook ou Instagram”. Ponto de partida para este Podcast P24, em que o jornalista do PÚBLICO Manuel Carvalho pergunta ao investigador José Moreno o que pensa desta e de outras transformações com que somos confrontados e que preocupam “políticos, sociólogos, jornalistas e, afinal, todos os cidadãos”.



Cultura | Vamos fazer um plano?

Nós ajudamos

Os trabalhos para o concurso “Vamos fazer um Plano” podem ser enviados até 16 de março. E para facilitar a sua preparação, “a ação de formação para professores ‘O jornal como recurso pedagógico’ foi desta vez totalmente dedicada aos vários momentos da feitura de um plano de jornal, desde a escolha do tema até à versão final das páginas a submeter a concurso”. Jornalistas, professoras e alunas juntaram-se no AE de Alcochete, numa sessão de três horas cuja gravação se encontra disponível online.

Sugestões, interpelações, reclamações...

Façam-nos chegar. Informações sobre iniciativas de educação para os *media*, temas que gostariam de ver abordados neste boletim mensal, jornais escolares em que estejam envolvidos ou que conheçam, dúvidas. No site do PÚBLICO na Escola há um espaço que pode ser utilizado para esse fim: publico.pt/publico-na-escola/escola-no-mapa Também aqui ouvir os outros é fundamental e sempre enriquecedor.



Ponte de Lima: momento do 3.º Encontro Nacional de Jovens Jornalistas, promovido pelo PÚBLICO na Escola e a DGE. FOTO: Nelson Garrido.

PÚBLICO na Escola aposta na proximidade às escolas e às comunidades educativas

Literacia Mediática

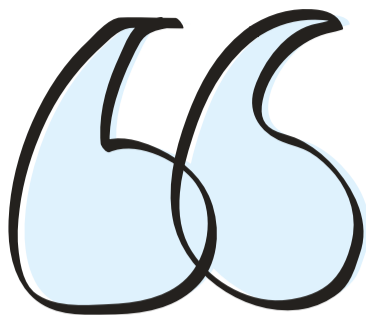
Rede Público na Escola pretende criar comunidade com educadores e professores para ajudar os mais jovens a lidar com a informação na era digital. Adesão é gratuita e requer apenas registo por *email*.

Chama-se Rede Público na Escola, nasce este mês, destina-se a professores e educadores e é a mais recente iniciativa do projeto de literacia mediática do PÚBLICO. Com uma simples inscrição por *email*, todos os que pretenderem ficar ligados à nossa rede podem receber notícias sobre diversas informações e ferramentas educativas que pretendem alargar o serviço público deste projeto. A razão desta iniciativa explica-se com várias necessidades: como levar para as escolas e para o quotidiano das famílias com filhos até ao secundário a discussão sobre a relevância e os perigos dos *media*? Como ajudar os mais jovens a ler criticamente as notícias dos jornais ou dos telejornais? Como identificar os perigos que a desinformação, a “verdade alternativa” ou a manipulação da informação colo-

cam à democracia e às relações de confiança que servem de alicerce às nossas sociedades?

A Rede Público na Escola é uma extensão do serviço que o PÚBLICO na Escola já presta junto de centenas de professores, dezenas de escolas e milhares de jovens. O que propomos aos que aderirem à nossa rede é a distribuição mensal gratuita de um boletim digital onde se dão conta de iniciativas na área da literacia para os média, exemplos de boas práticas nas escolas, ações de formação, em especial para professores, reflexões sobre o estado da arte da literacia mediática em Portugal e no mundo e casos práticos em que uma notícia de jornal serve de base a um plano de aula ou a uma simples discussão em família. Os membros da rede têm vantagens no acesso aos nossos serviços, como as formações presenciais ou *online*, ou nas visitas organizadas à nossa redacção de Lisboa - e, em casos especiais, do Porto.

O novo passo do crescimento do PÚBLICO na Escola justifica-se com a crescente importância da literacia para os *media* na era digital e das redes sociais. O jornal mantém o seu projecto para as escolas desde a sua fundação, mas nunca como hoje a necessidade de consciencializar os mais jovens para as oportunidades e riscos do mundo da informação foi tão premente. O PÚBLICO na Escola aposta na prática do jornalismo, fazendo com que os mais jovens compreendam e se apropriem das regras essenciais da profissão, abordando questões como o sentido de serviço público, a verificação de factos, a qualidade e rigor na escrita, o contraditório, a diversidade de opiniões, a deontologia, entre outras.



A Rede que agora lançamos é um apelo a que mais professores e educadores se juntem ao nosso projecto. Ficando ainda mais perto do que fazemos, mas também contribuindo activamente para que alargue a sua utilidade pública – fazendo sugestões e participando nas nossas iniciativas

Pretende-se que os jovens sejam capazes de distinguir factos de opiniões, de identificar fontes de informação credíveis, de compreender o poder e o sentido de responsabilidade que a produção de informação implica, independentemente do meio usado.

Para incentivar as escolas a fazerem jornais, lançámos, no arranque do ano letivo 2023-24, a plataforma TRUE, uma ferramenta digital gratuita e intuitiva que facilita o trabalho das escolas. Nestes como em outros casos de jornais escolares, a nossa equipa, que reúne jornalistas e professores, faz o acompanhamento e a mentoria destes projectos. A procura crescente das nossas formações, a quantidade de escolas que fazem jornais escolares, a receptividade aos diversos concursos que dinamizamos ou o sucesso do Encontro Nacional de Jovens Jornalistas, que promovemos com a Direcção-Geral da Educação, são outros testemunhos da relevância que o PÚBLICO na Escola conquistou na comunidade educativa nacional.

A Rede que agora lançamos é um apelo a que mais professores e educadores se juntem ao nosso projeto. Ficando ainda mais perto do que fazemos, mas também contribuindo ativamente para que alargue a sua utilidade pública - fazendo sugestões e participando nas nossas iniciativas. Se o mundo da informação os interpela, se a desinformação assusta, se acredita que a literacia dos mais jovens é crucial para que os valores críticos da democracia e das sociedades livres, como a verdade baseada em factos ou o pensamento crítico, se mantenham, basta uma simples inscrição neste formulário para que fique mais perto das respostas que procura.

O PÚBLICO na Escola é um projeto de responsabilidade social do PÚBLICO, não tem fins lucrativos e é apoiado pelo BPI em colaboração com a FLC, Fundação Belmiro de Azevedo, Ministério da Educação, Ciência e Inovação e a Visapress.

